

Curso de Linguística Histórica (FLL 0443)
2º Semestre de 2011

10.

A ORIGEM E A PROPAGAÇÃO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Dr. Thomas Daniel Finbow

Departamento de Lingüística (FFLCH/USP)

1. O PARADOXO SAUSSUREANO

- No séc. XIX os linguistas tendiam a visualizar a linguagem como uma coleção de elementos individuais: sons, palavras, desinências gramaticais, etc. Nesse modelo atomístico a mudança linguística seria interpretada como a substituição de um elemento por outro.
- No início do séc. XX, o linguista suíço, Ferdinand de Saussure, propôs uma teoria radicalmente diferente de considerar a linguagem que chegou a ser conhecida como o **ESTRUTURALISMO**.
 - Do ponto de visto estruturalista, a linguagem é considerada como um sistema de relações, um sistema que consiste de vários subsistemas integrados, como o sistema fonológico, o sistema verbal, o sistema pronominal. Para o estruturalista, um elemento indivíduo é definido pelo papel que faça no sistema, ou seja, pela maneira que ele se relaciona com outros elementos no sistema.
- O modelo estruturalista era muito influente. Desde a década do 1930 quase a totalidade das investigações linguísticas era realizada dentro do paradigma estruturalista e elas eram muito bem-sucedidas. Contudo, a revolução estruturalista trouxe consigo um enigma novo:
 - Se uma língua é basicamente um sistema ordenado de relações, como é possível que uma língua se mude sem acabar com o sistema existente?
 - Portanto, como é possível que uma língua possa ser utilizada como um veículo expressivo eficiente para comunicar quando ela está no meio de uma mudança ou, melhor, no meio de muitas mudanças.
- Esse mistério se chama o **PARADOXO SAUSSUREANO**, não se trata de um problema trivial. Os linguistas demoraram várias décadas até resolverem esta questão.

2. A VARIAÇÃO E A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL (1)

- NENHUMA LÍNGUA É TOTALMENTE HOMOGÊNEA.
- Já vimos na aula 07 que as línguas tipicamente exibem bastante variação regional, mas isso não é o único tipo de variação lingüística que existe. Há também diferenças entre os grupos sociais:
 - Os homens não falam de forma idêntica às mulheres;
 - Pessoas da classe média não falam com as da classe baixa nem como as da classe alta;
 - Os apresentadores do jornal nacional não falam como os D.J.s, etc., etc.
- Inclusive, dentro do mesmo grupo social há diferenças entre os próprios indivíduos.
 - Provavelmente vocês consigam identificar diferenças entre você mesmo e seus melhores amigos, mesmo que vocês tenham uma proveniência, hábitos e experiências parecidos.
- Até um indivíduo não fala da mesma maneira em todas as situações:
 - A linguagem que você usaria numa conversa de bar com os amigos não é igual a como você falaria numa entrevista de trabalho.
- Dentro do mesmo discurso existe um nível surpreendente de variações fonológicas, morfológicas e léxicas, pelo menos, potencialmente.

3. A VARIAÇÃO E A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL (2)

- Durante muitos anos, os lingüistas não sabiam bem como lidar com o tipo de variação que estamos descrevendo e sua reação típica era de ignorá-la ou eliminá-la pela abstração.
 - O foco principal da descrição e investigação era a fala das classes média e alta das pessoas instruídas (com a exceção dos dialetólogos, que preferiam estudar a linguagem dos sujeitos idosos rurais sem escolaridade).
 - Como a maioria esmagadora dos lingüistas eram homens, é altamente provável que tenha havido uma tendência a usarem a fala masculina como o modelo e de ignorarem ou subestimarem as divergências observadas na fala das mulheres, tidas como inconseqüentes.
- Basicamente, o alto grau de variação dentro de uma mesma comunidade de fala era simplesmente ignorada.
 - Ao melhor, a variação era considerada pouco relevante e pouco mais que alguns desvios erráticos e essencialmente casuais, aleatórias do uso padrão.
 - Ao pior, a variação era considerada uma inconveniência séria, uma coleção de detalhes irritantes que atrapalhava as descrições precisas.
- Os lingüistas antigos referiam a essas flutuações como a VARIAÇÃO LIVRE, denominação essa que enfatiza a sua visão dela como aleatória e sem importância.
- Uma das mais importantes descobertas da sociolingüística foi justamente de que essa variação “livre” não é na realidade nada arbitrária e é muito longe de ser insignificante.
- A dificuldade era como descobrir os padrões atrás do uso das variantes, porque, ao ouvir as pessoas falando naturalmente elas nos parecem oscilar livremente. Assim, na maioria dos casos, não é possível concluirmos que falante X usa forma A enquanto o falante Y usa forma B. A mera observação não produz resultados interessantes.

4. WILLIAM LABOV E A ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DE MARTHA'S VINEYARD

- A matemática oferece um útil poderoso para extrair informações relevantes do que parece ser uma mistura confusa de dados – a estatística.
- No início da década dos 60s, um jovem engenheiro químico chamado William Labov abandonou sua carreira na engenharia e se interessou pela lingüística.
- O Labov decidiu investigar o dialeto da ilha de Martha's Vineyard no estado de Massachusetts na costa leste dos estados Unidos.
 - O sotaque dos habitantes dessa ilha era conhecido por exibir uma característica marcante: a centralização das vogais nucleares nos ditongos decrescentes, p. ex., *light* /lait/ = [əɪ] e *house* /haus/ = [əʊ]. Essa característica é conhecida em algumas variedades do inglês, como o canadense, mas não é típico do inglês de New England.
- Após ter gravado muitas conversas com os habitantes da ilha, Labov analisou as gravações. Ele descobriu que cada falante exibia uma ampla gama de pronúncias.
 - As vezes, as articulações eram muito centralizadas; em outras ocasiões, os ditongos eram pouco centralizados, e em outras situações elas não apresentavam centralização alguma.
- Os lingüistas anteriores tinham realizado análises semelhantes e tinham conseguido os mesmos resultados. Concluía-se que não havia nada que valesse a pena investigar.

5. A ANÁLISE ESTATÍSTICA

- No entretanto, o Labov aplicou uma técnica estatística simples aos dados que é conhecido hoje como a ABORDAGEM QUANTITATIVA.
- Ele acreditava reconhecer pela ouvido quatro graus de centralização – nenhuma, pouca, bastante e máxima – e, assim, ele atribuiu quatro valores numéricos a esses graus de centralização – 0, 1, 2 e 3 - também ele tabulou todas as ocorrências de cada tipo de articulação.
- Depois disso, ele calculou o grau de centralização médio em cada ditongo proferido por cada falante entrevistado. Assim, cada sujeito acabou sendo descrito por dois números entre 0,00 (sem centralização) e 3,00 (centralização em todos as instâncias), um para /ai/ e um para /au/, ou seja, ele criou uma INDICE DE CENTRALIZAÇÃO (I.C.).
 - Um sujeito com uma I.C. para /ai/ de 0,23 quase nunca apresenta centralização.
 - Um sujeito com uma I.C. para /ai/ de 2,44 usa centralização com muita frequência.
 - Os sujeitos investigados por Labov apresentaram I.C.s de 0,00 até 2,11 para /ai/ e valores bastante parecidos para /au/.
- Labov conseguiu demonstrar que os indivíduos em Martha's Vineyard se diferiam substancialmente entre si no grau de centralização. Isso já era um avanço notável:
 - enquanto quase cada falante varia entre pronúncias mais ou menos centralizadas, a análise estatística indicava que esses indivíduos se comportavam de maneiras bastante distintas em termos gerais.
- No seu próximo passo, Labov investigou eventuais CORRELAÇÕES entre as I.C.s e outros fatores não-lingüísticos.
 - O primeiro fator que ele examinou era a idade.

6. INDICE DE CENTRALIZAÇÃO E IDADE

IDADE	I.C. /ai/	I.C. /au/
75+	0, 25	0, 23
61 – 75	0, 35	0, 37
46 – 60	0, 62	0, 44
31 – 45	0, 81	0, 88
14 – 30	0, 37	0, 46

- A tabela acima exhibe um padrão intrigante:
 - o grau de centralização aumenta regularmente com a redução de idade, com a exceção do grupo de falantes mais novo, que exhibe uma queda brusca no nível de centralização.
- Se ignorarmos os falantes mais novos por enquanto, duas explicações se apresentam:
 - (1) Houve um aumento gradual no grau de centralização no tempo. Cada geração centraliza mais que a anterior. Este fenômeno é chamado MUDANÇA GENERACIONAL, ela avança com cada geração.
 - (2) É uma característica da comunidade de fala em Martha's Vineyard que os falantes reduzem seu uso de centralização de forma consistente conforme eles envelhecem. Este fenômeno é conhecido como GRADAÇÃO ETÁRIA, ou seja, os falantes adaptam seu próprio comportamento ao longo da suas vidas.
- Qual dessas explicações é a correta?

7. CORRELAÇÕES ENTRE CENTRALIZAÇÃO E IDADE

- Na maioria dos casos, só conseguiríamos verificar qual das explicações – mudança generacional ou gradação etária – era o caso em Martha's Vineyard depois de algumas gerações de observação.
- Nesse caso, porém, Labov estava com sorte. A ilha estava incluída no detalhado *Linguistic Atlas of New England* (LANE) que foi publicado em 1941 e que reproduzia dados colecionados em 1933.
- Dados de quatro informantes da ilha estavam incluídos no *Atlas*. Em 1933, eles tinham tido entre 56 e 82 anos. Graças aos registros detalhados no LANE, Labov conseguiu uma estimativa da I.C. para cada um desses falantes.
- O QUE CADA UMA DAS HIPÓTESES PREDIZERIA PARA AS I.C.s DOS FALANTES DE 1933?
- Labov calculou que os sujeitos entrevistados em 1933 tinham uma I.C. combinada média para /ai/ de 0,86, mas, curiosamente, a I.C. combinada média para /au/ era apenas 0,06, ou seja, praticamente nulo em termos reais. Esse resultado permite que descartemos a hipótese da gradação etária. Por quê?
 - Está obvio que a frequência da articulação centralizada de /au/ aumentava regularmente desde os 1930.
 - O comportamento do /ai/ centralizado é mais complexo: em 1933, era moderadamente centralizado, mas depois a centralização diminuiu para aumentar novamente.
- Isso indica estarmos diante um caso de mudança geracional, embora pareça ser um caso mais complicado do que provavelmente antecipamos. Algo bastante interessante está ocorrendo com a centralização dos ditongos /ai/ e /ai/ em Martha's Vineyard.

8. CORRELAÇÕES ENTRE I.C. E OUTROS FATORES

- Labov procurou outras correlações entre a centralização e fatores não-linguísticos.
 - A duas atividades tradicionais na ilha são a agricultura e a pesca. Portanto, Labov investigou as I.C.s desses grupos ocupacionais, além de grupos geográficos e étnicos.

(1) PROFISSÃO	I.C. /ai/	I.C. /au/
Pescadores	1,00	0,79
Agricultores	0,32	0,22
Outros	0,41	0,57

- Também há uma divisão importante entre os habitantes das cidades na parte meridional da ilha e os habitantes das partes mais rurais que ficam no norte da ilha.

(2) LUGAR	I.C. /ai/	I.C. /au/
ÁREAS URBANAS	0,35	0,33
ÁREAS RURAIS	0,61	0,66

- Outra distinção que Labov examinou foi o comportamento dos três grupos étnicos da ilha: os de descendência inglesa, os descendentes de portugueses e a população indígena.

(3) GRUPO ÉTNICO	I.C. /ai/	I.C. /au/
INGLÊS	0,67	0,60
PORTUGUÊS	0,42	0,54
INDÍGENA	0,56	0,90

9. SUMÁRIO DAS FORÇAS SOCIAIS QUE INFLUENCIAM OS HABITANTES DE MARTHA'S VINEYARD

- Até o começo do século XX a vida na ilha era bastante isolada. Havia pouco contato entre os moradores e as comunidades no continente. A pesca e a caça de baleias eram as ocupações principais e os habitantes produziam quase todos os alimentos que eles precisassem.
- Mas tudo começou a mudar:
 - A participação dos Estados Unidos nas duas guerras mundiais (1917-1918 e 1941-1945) levou muitos homens da ilha para lutar e lhes deu pela primeira vez uma experiência da vida fora a ilha.
 - Depois da Segunda Guerra, números cada vez mais elevados de jovens saíram da ilha temporariamente para estudarem nas faculdades no continente. Isso também os introduziu à vida fora da ilha e ofereceu-lhes oportunidades novas para trabalhar noutros lugares e noutras profissões.
 - Ao mesmo tempo, a economia da ilha sofreu muito devido a um declínio grave nos estoques de peixe. Novos regulamentos e novas técnicas agrícolas resultaram na necessidade de importar mais do continente pela única balsa, o que encarecia as profissões tradicionais. O custo alto das passagens na balsa dificultava a venda rentável de produtos da ilha no continente.
- Martha's Vineyard é um lugar muito bonito e o turismo acabou substituindo as indústrias antigas na ilha. Quando Labov realizava seus estudos lá, os 6.000 habitantes permanentes hospedavam aproximadamente 42.000 visitantes cada verão. Isso teve um impacto profundo:
 - O poder aquisitivo dos turistas era consideravelmente mais alto do que o dos nativos. Também introduziam-se as atrações materiais da vida continental às comunidades da ilha, especialmente aos jovens.
 - Muitos turistas mais ricos compravam casas de veraneio. No período das investigações de Labov quase a totalidade das casas na costa norte da ilha pertenciam a não-residentes e os antigos moradores, descendentes de baleeiros e marinheiros, tinham-se retirado a casinhas no interior da ilha.

10. A CRISE SOCIAL NA COMUNIDADE NATIVA E SUAS REFLEXOS LINGÜÍSTICOS

- Labov concluiu que o resultado principal das mudanças econômicas em Martha's Vineyard foi a criação de uma série de pressões conflitantes nos moradores:
 - Por um lado, eles se sentiam atraídos ao estilo de vida tradicional da ilha onde as famílias eram muito próximos, as pessoas vivem na mesma casa por gerações a fio e todo mundo se conhece.
 - Por outro lado, muitas pessoas também sentia a atração das novas maneiras de vida que viam do continente, onde havia mais oportunidades para trabalhar, uma variedade maior de profissões, a possibilidade de ganhar melhor e de desfrutar de um nível material de vida melhor.
- Tais pressões afetavam cada indivíduo de formas distintas, mas para cada habitante de Martha's Vineyard sempre chegou o momento de decidir – ficar na ilha (a região destacadamente mais pobre do Estado de Massachusetts) ou ir-se embora para o continente?
- Labov alega que essas pressões estavam refletidas no comportamento linguístico dos indivíduos.
 - Ele entrevistou 69 moradores sobre seus planos para o futuro e suas opiniões da ilha e a vida lá e dividiu-os entre três classes:
 - Os POSITIVOS, que se identificavam fortemente com a ilha e queriam ficar.
 - Os NEUTROS, que não se declaravam a favor ou em contra a vida n ilha.
 - Os NEGATIVOS, que queriam sair da ilha quanto antes.
- Então, Labov examinou a I.C. dos sujeitos entrevistados para ver se haveria uma correlação entre a atitude à vida na ilha e a centralização nos ditongos...

11. A PROVA DE QUE A CENTRALIZAÇÃO DE /ai/ e /au/ É UM MARCADOR DE ATITUDES SOCIAIS

Nº DE PESSOAS	ATITUDE	I.C. /ai/	I.C. /au/
40	POSITIVA	0,63	0,62
19	NEUTRA	0,32	0,42
6	NEGATIVA	0,09	0,08

- Pelo resultado de seu análise, Labov concluiu que a centralização nos ditongos /ai/ e /au/ significava que o falante tinha uma atitude positiva sobre a ilha e a vida nela.
 - Os sujeitos com opiniões positivas exibiam graus altas de centralização.
 - Os falantes que tinham uma visão negativa da vida na ilha quase não centralizavam nada.
- Na ilha de Martha's Vineyard, portanto, um falante que centralize bastante está anunciando seu comprometimento a ilha e suas comunidades.
- Agora, podemos interpretar os dados nas tabelas anteriores também:
 - O declínio desastroso na indústria de pesca tornou os pescadores o grupo mais assediado na ilha e os poucos deles que continuavam a seguir sua ocupação tradicional, eram necessariamente os que estavam mais comprometidos à ilha – daí as altas índices de centralização que apresentavam.
 - As comunidades de pescadores estavam concentradas no interior do norte da ilha – daí a predominância nessa região rural em comparação com as cidades no sul.
 - Esses dados também explicam a divergência na faixa etária mais nova – essa faixa continha muitos jovens que queriam deixar a ilha, mas ainda não tinham conseguido e, assim, as I.C. baixas desses indivíduos afetavam o valor médio dessa faixa etária. Até a idade de 30 anos, a maioria das pessoas que quisessem sair da ilha já tinham conseguido se mudar para o continente e não estavam mais para ser contadas.

12. A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DE UMA VARIÁVEL LINGÜÍSTICA

- A situação em Martha's Vineyard que foi revelada pelas investigações sociolingüísticas quantitativas de Labov é um exemplo clássico de ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.
 - Em geral, as variáveis lingüísticas se correlacionam com fatores sociais como a classe, a idade ou o sexo, mas no caso de Martha's Vineyard o aspecto pertinente era a atitude à ilha. A maneira em que se fala classificava os indivíduos nos que eram pro-ilha e os que eram pro-continente.
- COMO SURTIU ESSA DISTINÇÃO BASEADA NA CENTRALIZAÇÃO?
 - Esta questão é mais difícil de resolver, mas Labov proferiu a seguinte explicação:
 - Sabemos que nos anos 1930 o grau de centralização no ditongo /au/ era nulo, simplesmente não existia, e o grau de centralização do ditongo /ai/ era significativo, mas o fenômeno tendia a declinar.
 - Um grupo reduzido de indivíduos na região “up-island” (norte), provavelmente composto principalmente de pescadores, exibiam valores mais altos de centralização de /ai/. Esse grupo foi reconhecido pelos outros habitantes por seu comprometimento férreo à ilha e as suas tradições.
 - Com o aumento das pressões econômicas nos moradores da ilha, outras pessoas que se identificavam com a ilha e que queriam expressar seu comprometimento à vida lá adotaram os pescadores como modelo e, em particular, aqueles imitavam a maneira de falar das pessoas mais velhas – incluída a centralização – como marcador lingüístico de comprometimento – de seu status de nativo.
 - Talvez fosse inevitável que, ao imitarem o sotaque “ilhéu”, o grau de centralização ficaria exagerado e os imitadores começaram a centralizar MAIS do que seus modelos, até eles estenderem a característica a um outro ditongo decrescente, /au/ (especialmente os indígenas, que tinham muitos motivos para querer ampliar seu status de autóctones) .
 - Com o tempo, as pressões sobre a comunidade da ilha aumentavam e cada geração nova tinha que fazer as mesmas escolhas entre a ilha e o continente e adotou os mesmos marcadores o que levava o processo de centralização mais longe.

13. AS LIÇÕES A TIRARMOS DO CASO DE MARTHA' S VINEYARD

- O estudo de Labov indica claramente que uma mudança está avançando pelas comunidades de Martha's Vineyard e o que fica óbvio é que essa mudança tem se desenvolvido durante bastante tempo.
- Porém, esse tipo de mudança só surge a vista se os dados forem analisados corretamente. Ao ouvirmos as pessoas falarem, não conseguiríamos constatar nada definitivo. Pela observação direta, vemos apenas a VARIAÇÃO.
- Contudo, essa variação esconde uma mudança *em andamento*:
 - Mesmo que os indivíduos não alterem sua própria maneira de falar, a fala da comunidade, quando ela é considerada como um todo, está em mudança e tem evoluído regularmente.
- PORTANTO, HÁ TRÊS TEMAS CENTRAIS A APRENDER DAS INVESTIGAÇÕES DE LABOV DA CENTRALIZAÇÃO EM MARTHA' S VINEYARD:
 - (1) A abordagem quantitativa (estatística) de variação pode revelar diferenças sistemáticas entre os indivíduos e os grupos que não seriam evidentes.
 - (2) Uma variável linguística pode exibir estratificação social em que membros de grupos sociais distintos atribuem valores diferentes ao mesmo variável.
 - (3) Uma mudança que está em curso se revela na forma da presença de variação.

14. A VARIAÇÃO COMO VEÍCULO DE MUDANÇA

- As investigações pioneiras de Labov em Martha's Vineyard que utilizaram o método quantitativo têm sido desenvolvidos pelo próprio Labov e por muitos outros sociolinguistas. O método já foi aplicado a quantias elevadas de variáveis linguísticas em muitas comunidades de fala. Pelo uso desse método, os sociolinguistas têm descoberto correlações fascinantes entre os variáveis linguísticos que investigam e fatores sociais não-linguísticos.
- O fato do elemento determinante no caso de Martha's Vineyard ser a atitude do falante indivíduo à ilha é um pouco menos usual. É muito mais comum que os fatores sociais pertinentes sejam os mais óbvios e familiares. Naturalmente, um dos fatores mais comuns é a CLASSE SOCIAL.
- Na maioria das comunidades de fala um pouco maiores, existe um sistema de estratificação social bastante conspícuo em que algumas pessoas pertencem a classes mais prestigiosas do que outras.
- Obviamente, os critérios para determinar a inclusão de um indivíduo numa classe ou em outra são muito complexos e propensos a variar bastante, p. ex., a renda, a proveniência familiar, a vocação ou a profissão exercitada, a cor da pele, etc., e os mesmos fatores não pesam igual em cada comunidade.
- O que importa para nossos fins, porém, é que, em algumas sociedades, os sociólogos já definiram para suas próprias necessidades investigativas vários critérios razoáveis para designar os indivíduos a determinadas classes sociais e nós sociolinguistas podemos aproveitar desses critérios de forma independente para nosso trabalho.

15. UMA INVESTIGAÇÃO BIDIMENCIONAL DO IMPACTO DA CLASSE SOCIAL JUNTO COM O GRAU DE FORMALIDADE

- ESTUDO DE CASO:
 - *-ing* [-ɪŋ] Vs *-in'* [-ɪn] no inglês de Norwich (Inglaterra) por Peter TRUDGILL.
 - Existe duas pronúncias da desinência para formar o gerúndio no inglês moderno, uma com uma nasal velar final - [ŋ] - e a outra com uma nasal coronal - [n].
 - A primeira variável corresponde bem a forma ortográfica <-ng>.
 - Depois de gravar muitas entrevistas, Trudgill contou o número de instâncias de cada tipo de articulação.
 - Também, ele organizou os sujeitos em 4 contextos e os gravou falando em cada contexto:
 - (1) CONVERSA INFORMAL [C.I.] – uma conversa relaxada e normal.
 - (2) CONVERSA FORMAL [C.F.] – uma entrevista formal.
 - (3) LEITURA DE TEXTO [L.T.] – o sujeito lê um parágrafo de um texto.
 - (4) LEITURA DE LISTA [L.L.] – o sujeito lê uma lista de palavras uma por uma (tipicamente pares mínimos contrastantes).
 - A seguir, conforme os critérios independentes que acabamos de mencionar, Trudgill classificou cada um de seus sujeitos entre cinco classes sociais:
 - (1) Classe média média (CMM); (2) Classe média inferior (CMI);
 - (3) Classe baixa superior (CBS); (4) Classe baixa média (CBM); (5) Classe baixa inferior (CBI).

16. A VARIÁVEL (ng) EM NORWICH

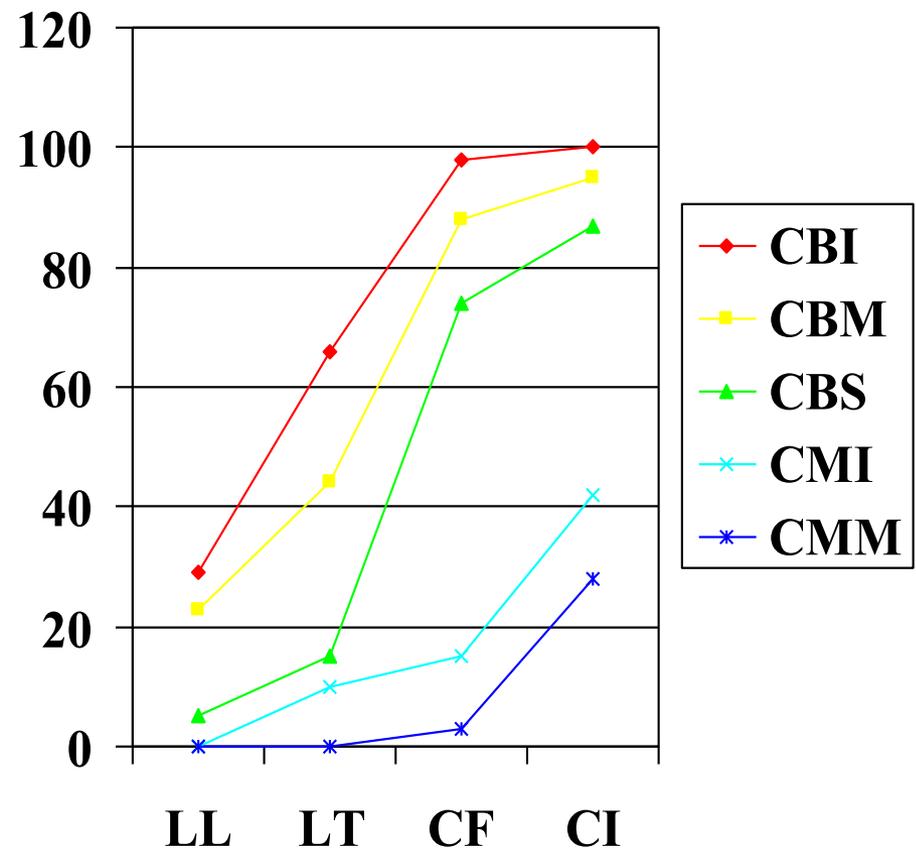
(AS PORCENTAGENS MÉDIAS *-in* ' [ɪn] x *-ing* [ɪŋ])

	LEITURA DE LISTAS (LL)	LEITURA DE TEXTO (LT)	CONVERSA FORMAL (CF)	CONVERSA INFORMAL (CI)
CMM	0 [ɪn] / 100 [ɪŋ]	0 [ɪn] / 100 [ɪŋ]	3 [ɪn] / 93 [ɪŋ]	28 [ɪn] / 72 [ɪŋ]
CMI	0 [ɪn] / 100 [ɪŋ]	10 [ɪn] / 90 [ɪŋ]	15 [ɪn] / 85 [ɪŋ]	42 [ɪn] / 48 [ɪŋ]
CBS	5 [ɪn] / 95 [ɪŋ]	15 [ɪn] / 85 [ɪŋ]	74 [ɪn] / 26 [ɪŋ]	87 [ɪn] / 13 [ɪŋ]
CBM	23 [ɪn] / 77 [ɪŋ]	44 [ɪn] / 56 [ɪŋ]	88 [ɪn] / 12 [ɪŋ]	95 [ɪn] / 5 [ɪŋ]
CBI	29 [ɪn] / 71 [ɪŋ]	66 [ɪn] / 34 [ɪŋ]	98 [ɪn] / 2 [ɪŋ]	100 [ɪn] / 0 [ɪŋ]

- Na tabela, vocês podem ver que cada grupo social utiliza os dois tipos de pronúncia e, em termos gerais, não é possível prever qual seria a forma que um determinado falante preferiria na próxima ocasião específica.
- Confrontada com esses dados, a observação ingênua reportaria nada, a não ser a variação, mas, ao aplicarmos uma abordagem quantitativa, um padrão claro é revelado imediatamente ...

17. A VARIÁVEL (ng) EM NORWICH

- OBSERVAÇÕES GERAIS:
 - (1) Em qualquer contexto, qualquer integrante de uma classe social inferior sempre utiliza consistentemente uma proporção maior de pronúncias do estilo *goin'* (articulação coronal) do que qualquer integrante de uma classe social superior.
 - (2) Todo mundo profere uma proporção maior de formas em *-in'* conforme o contexto se torne menos formal e, igualmente, todos exibem uma proporção menor dessas formas quando o contexto for mais formal.
- A partir desses resultados, podemos concluir que um desses dois tipos de pronúncia desfruta de prestígio social explícito maior do que o outro em Norwich. Qual é e como sabemos?

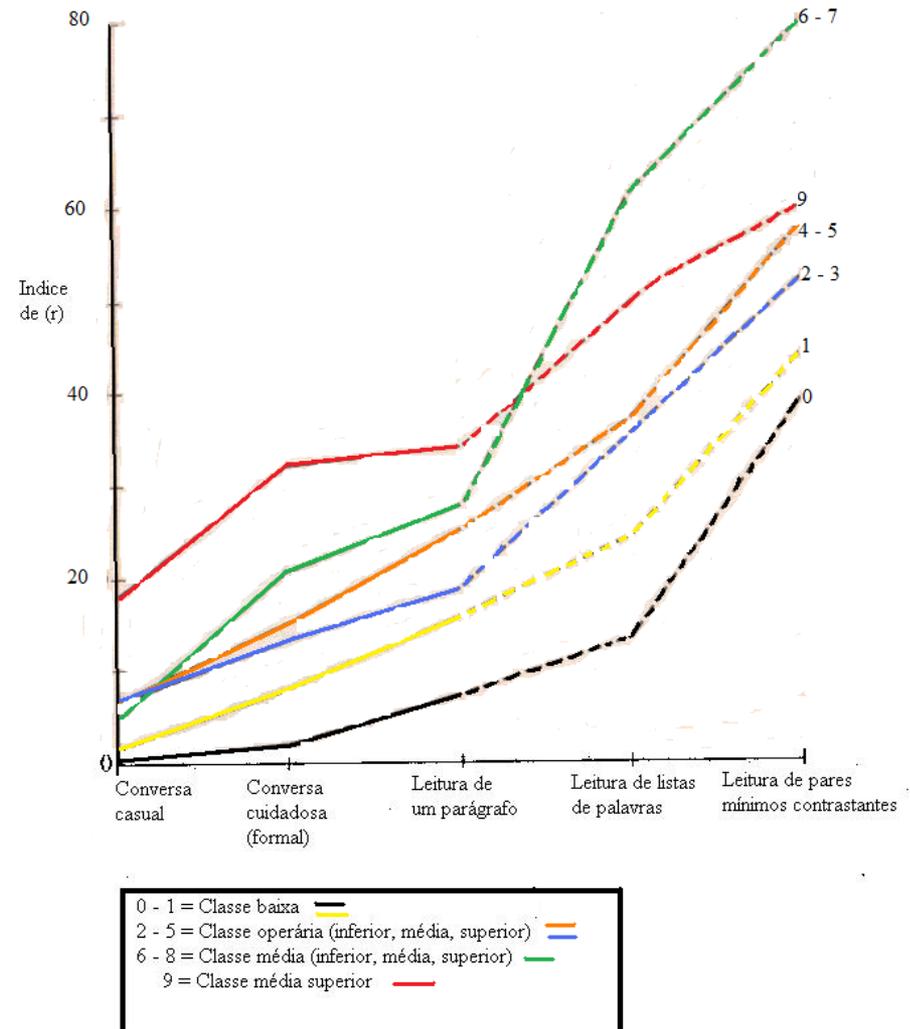


18. A VARIÁVEL /r/ EM NEW YORK (LABOV, 1966)

- O FENÔMENO A SER INVESTIGADO:
 - A variável /r/ em contextos não-pré-vocálicos, ou seja, onde o /r/ não ocorre diante de uma vogal, p. ex., *car*, *dark*, *shirt*.
- As vezes, os falantes em New York City não enunciam esse /r/ – [ka:], [da:k], [ʃɜ:t] – o que se chama O ESTILO NÃO-RÓTICO.
- Noutras ocasiões eles articulam o /r/ – [kaɪ], [daɪk], [ʃɜ:ɪt] – o que chamamos O ESTILO RÓTICO.
 - No estilo não-rótico no sotaque nova-iorquino, a articulação da palavra *guard* “guarda” ([gɑɪd] no sotaque americano geral [AG]) parece a de *god* “deus” [gɑ:d] em AG.
 - A pronúncia de *dark* “escuro” é [daɪk] em AG, mas se aproxima à de *dock* “cais” [da:k] no sotaque tradicional nova-iorquino.
- Todos os falantes realizam os dois tipos de pronúncia (rótica e não-rótica) e uma análise estatística dos dados revela um padrão muito claro feito na base de uma classificação entre sete classes sociais.
- Labov organizou seus sujeitos em três divisões maiores, os dois primeiros grupos estão subdivididos em três:
 - classe média superior (CMS), classe média média (CMM), classe média inferior (CMI),
 - classe operária superior (COS), classe operária média (COM), classe operária inferior (COI)
- Abaixo da classe média e operária, Labov distinguiu uma outra classe que ele denominou a classe “baixa”.

19. O ROTACISMO EM NEW YORK CITY

- Vemos na tabela o mesmo padrão geral do que no caso de (ng) em Norwich:
 - Num contexto determinado, os membros de cada classe exibem uma porcentagem de pronúncias róticas (com /-r/) do que os membros da classe imediatamente inferior e todos tendem a enunciar mais formas róticas conforme a formalidade do contexto vá aumentando.
 - NB qual dos variantes em NYC é mais prestigioso?
 - Porém, há uma diferença importante no rotacismo nova-iorquino: duas linhas cruzam.
- O segundo grupo mais alto – a classe média inferior – usa mais articulações róticas no contexto mais formal do que o grupo socialmente superior, a classe média superior.



20. A HIPER-CORREÇÃO OU O SOBRE-ADJUSTAMENTO

- Este fenômeno em que a *segunda* classe mais alta ultrapassa a classe mais alta no contexto mais formal, foi chamado de HIPER-CORREÇÃO por Labov, mas esse termo é problemático, porque o mesmo termo era utilizado pelos linguistas num sentido diferente. Portanto, utilizaremos o termo SOBRE-ADJUSTAMENTO para referirmos a esse comportamento.
 - No mundo inteiro, parece que é muito comum que o segundo grupo mais alto na hierarquia social exagere sua produção fonética em contextos muito formais na direção das formas mais prestigiosas, como se esse grupo fosse especialmente inseguro da sua linguagem e, talvez, também inseguro da sua posição social.
- Os dois estudos de Trudgill em Norwich e Labov em Nova York que acabamos de ver não são isolados ou excepcionais. Modelos muito parecidos são reportados em qualquer lugar que os sociolinguistas investiguem – na Europa, na América do Norte, na Ásia, na África.
 - Tais descobrimentos são de relevância crucial para compreender os processos de mudança linguística e para resolver o Paradoxo de Saussure.

21. SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E MUDANÇA

- Como já mencionamos, as gerações de linguistas anteriores tendiam a considerar a variação como periférica, insignificante, inconveniente, talvez até patológica. O que a sociolinguística quantitativa demonstra é que a realidade é precisamente a inversa disso.
 - (1) Os estudos sociolinguísticos mostram que a variação é NORMAL na linguagem. A variação linguística é uma característica de todas as comunidades de fala; é uma característica central e inevitável da linguagem de cada comunidade e de cada indivíduo.
 - De fato, é a AUSÊNCIA de variação seria patológica: seríamos alucinados de encontrar uma comunidade que algum tamanho maior em que todo mundo fala da mesma maneira invariável em todas as circunstâncias, e nós suspeitamos algo imediatamente.
 - Observem que essa descoberta não contradiz a conclusão de Saussure de que a linguagem é um sistema altamente estruturada de relações entre elementos linguísticos.
 - A sociolinguística indica apenas que a natureza do sistema de variáveis linguísticas é muito mais rica e mais complexa do que suspeitamos.
 - Quando você aprende uma língua fluentemente, você aprende a dominar a fonologia, a gramática, o vocabulário, etc., mas também você aprende o uso dos inumeráveis variáveis linguísticas característicos da sua comunidade e seus significados.
 - (2) Os sociolinguistas demonstram que os variáveis linguísticos têm significância social com frequência, em que seu uso das características variáveis revela informação importante sobre sua posição na comunidade.
 - Os gráficos mostram que o significado social é reconhecido pelos falantes, pelo menos de alguma maneira, porque esses ajustam automaticamente seu comportamento como uma reação aos contextos mutáveis, mas não quer dizer que os próprios falantes são necessariamente muito conscientes dos detalhes linguísticos das variações que apresentam.

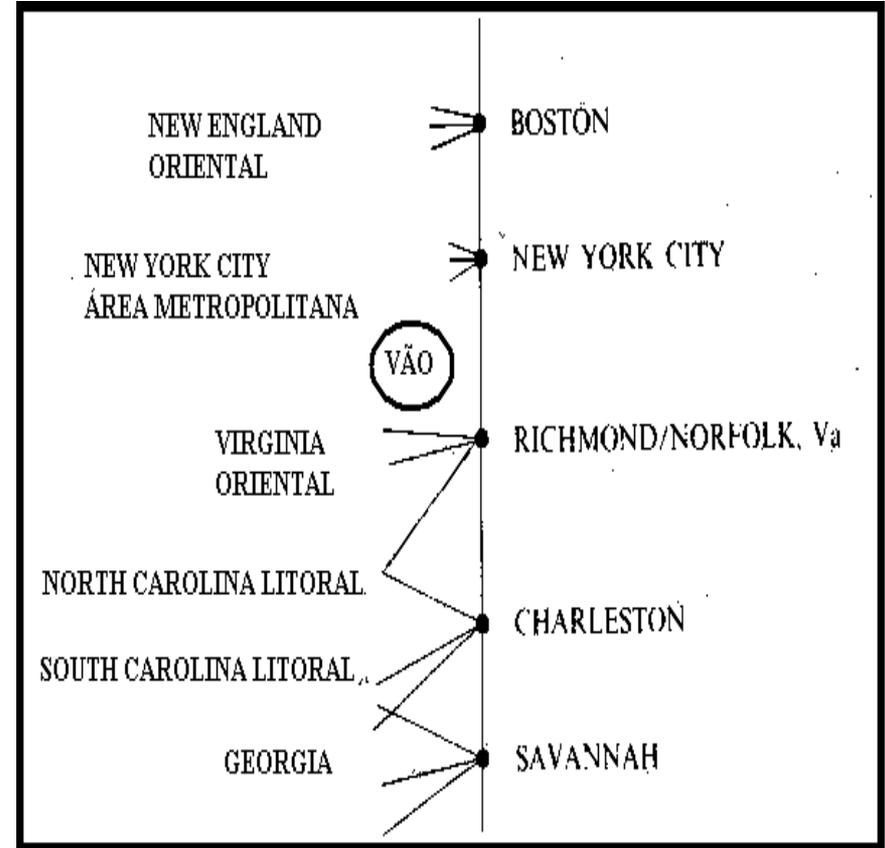
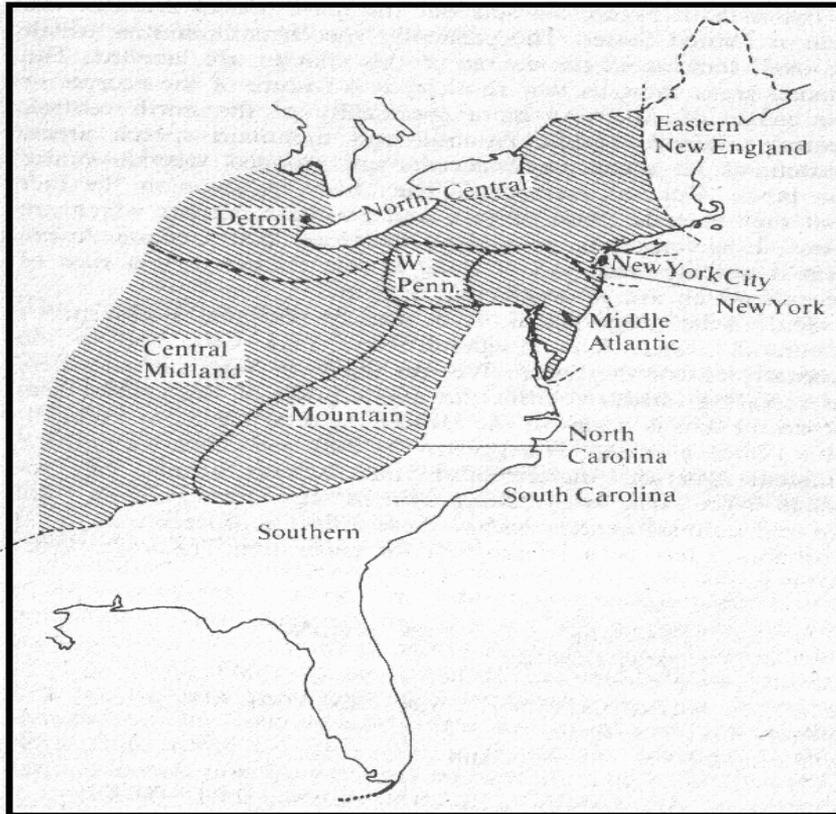
22. VARIAÇÃO ESTÁTICA E VARIAÇÃO EM CURSO DE MUDAR

- (3) O mais importante aspecto é que a variação exibe uma dimensão cronológica.
 - No caso de Norwich, não há razões para duvidar que a situação com o respeito do variável (ng) está estável durante gerações, talvez durante séculos.
 - Até podemos averiguar, a frequência dos dois variantes não tende a alterar pelo tempo.
- Em Nova York a situação é outra: temos evidência incontrovertível de que a posição sim muda no tempo.
 - Os dados colecionados nos anos 1930 e publicados num atlas linguístico demonstram que não havia quase nenhum traço de rotacismo; as pronúncias não-róticas eram quase universais.
 - Nas décadas dos 1950 e 1960, novos dados indicavam que a frequência de pronúncias róticas haviam aumentado e investigações subsequentes mostram que essa realização continua a crescer.
- À diferença de Norwich, Nova York exibe uma mudança consistente na distribuição dos dois variantes.
 - Mas a mudança não está avançando de uma forma simples. Ao contrário, diferentes grupos sociais respondem de maneiras distintas e o fatos são complexos:
 - Falantes da classe média inferior se comportam de forma diferente do que os falantes da classe média superior;
 - Em algumas classes, sujeitos mais velhos parecem aumentar a frequência da pronúncia rótica, enquanto falantes mais novos não exibem uma tendência a fazer o mesmo.
 - Falantes da classe operária cujo trabalho os leva a ter contato regular com falantes da classe média. se comportam de uma forma diferente dos integrantes da classe operária que não experimentam o mesmo grau de contato.

23. RESOLVENDO O PARADOXO DE SAUSSURE

- Nova York está mudando gradualmente desde um estado em que as pronúncias não-róticas predominavam e constituem a norma, eram prestigiosas e praticamente universais até um estado em que as pronúncias róticas representam a norma prestigiosa.
 - É possível que, algum dia, o dialeto nova yorkino vá se tornar totalmente rótico como as variedades que se acham pelo Centro-Oeste dos Estados Unidos, mas não podemos ter certeza disso, só saberemos com o tempo.
- O que podemos afirmar com segurança é que uma mudança linguística está progredindo pelo inglês falado na cidade de Nova York e O VEÍCULO DESSA MUDANÇA É A PRÓPRIA VARIAÇÃO.
 - A mudança está progredindo pelo mecanismo de uma alteração regular nas frequências de ocorrência das formas em competição (o que nós chamamos de VARIANTES).
- Assim, conseguimos uma resolução ao Paradoxo de Saussure: as mudanças podem ocorrer sem destruir o sistema de uma língua porque o veículo da mudança é a variação e a variação sempre está presente – de fato, ela constitui uma característica central da fala.

24. AS ORIGINS DA ROTICIDADE NO INGLÊS DO LESTE DOS ESTADOS UNIDOS



- Assim, podemos ver claramente que há uma mudança que está em curso em Nova York, mas isso não explica *como* essa mudança começou.
- Com frequência, é muito mais difícil de explicar como uma mudança surge do que explicar como ela se propaga depois.
 - Porém, afortunadamente, isso não é o caso com a roticidade crescente em Nova York.

25. A ATUALIZAÇÃO E A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA MUDANÇA

- Essas duas questões fundamentais: “Como uma mudança começa?” e “Como uma mudança se propaga?” são conhecidos como a ATUALIZAÇÃO e a IMPLEMENTAÇÃO.
 - Como andamos vendo, a maioria dos sociolinguistas tem investigado o processo de *implementação*, e eles têm conhecido muito sucesso nas suas pesquisas.
 - Por outro lado, e comparada com a implementação de mudanças, a nossa compreensão dos processos de *atualização* de uma mudança ainda está na sua infância.
- Outro exemplo de uma mudança que só conseguimos explicar em termos de variação e estratificação social é o caso da história de certas vogais inglesas:
 - O inglês médio havia sete vogais compridas, TRÊS delas são relevantes para nós:
 - A vogal /a:/, p. ex., *mate* [ma:t(ə)] (= ing. mod. [meɪt]).
 - A vogal /ɛ:/, p. ex., *meat* [mɛ:t] (= ing. mod. [mi:t]).
 - A vogal /e:/, p. ex., *meet* [me:t] (= ing. mod. [mi:t]).
 - Não há menor dúvida de que essas vogais tenham sido distintas no ingl. méd. porque elas eram a base das formas escritas que lhes foram atribuídas:
 - *mate, hate, late* [a:] X *meat, seat, read* [ɛ:] X *meet, see, heel* [e:].
- Durante os séculos XV e XVI todas as vogais compridas sofreram um processo de elevação na Grande Mudança Vocálica (*Great Vowel Shift*). Isso não é diretamente pertinente à nossa história, mas uma outra mudança subsequente e relacionada sim é.

26. A PRONÚNCIA LONDRINA DO SÉC. XVI VERSUS A PRONÚNCIA LONDRINA DO SÉC. XVII

- Dispomos de evidência abundante sobre a pronúncia do inglês na capital no séc. XVI na forma de descrições de gramáticos contemporâneos e os sistemas de rima utilizados pelos poetas.
 - Assim, sabemos que no início do séc. XVI, as vogais compridas /a:/ e /ɛ:/ tinham se fundido:
 - <a-e> é homófono com <ea>, p. ex., *mate* = *meat*, *hate* = *heat*, *mane* = *mean*, *sate* = *seat*.
 - Isso não é o caso no inglês moderno, mesmo em Londres, embora essa pronúncia sobreviva em algumas regiões da Irlanda, onde *meat* “carne” e *tea* “chá” são articulados [meɪt] e [teɪ] e por isso parecem *mate* “amigo” e *tay* aos ouvidos de falantes do inglês moderno padrão (da Inglaterra).
- CHAMAREMOS ESSA PRIMEIRA PRONÚNCIA DE SISTEMA 1.
- Entretanto, também existem muitas reportagens sobre o sotaque londrino no séc. XVII, e nessa instância, o modelo não se conforme ao Sistema 1:
 - No séc. XVII, eram as vogais compridas /ɛ:/ e /e:/ que tinham se fusionado em um fonema:
 - Na ortografia, <ee> era homófono de <ea> e <a-e> era distinto, p. ex., *meat* = *meet* (≠ *mate*); *bean* rimava com *seen* e não com *mane*; *seas* rimava com *freeze* e não com *maze*, etc.
- CHAMAREMOS ESSA SEGUNDA PRONÚNCIA DE SISTEMA 2.
 - O Sistema 2 é a pronúncia que se considera a norma para a maioria maciça dos falantes do inglês hoje.

27. SISTEMA 1 VERSUS SISTEMA 2 NO INGLÊS PRÉ-MODERNO

- A mudança do Sistema 1 (/a:/ fusiona com /ɛ:/: <a-e> = <ea>) para o Sistema 2 (/ɛ:/ fusiona com /e:/: <ea> = <ee>) constituía um mistério para os linguistas. Por que?
 - Porque parece que a passagem do Sistema 1 para o Sistema 2 teria que envolver um processo de INVERSÃO DE FUSÃO, o que é , teoricamente, impossível.
 - No séc. XVI, os falantes de inglês fusionaram as vogais de *mate* e *meat* num único fonema e não as distinguiram mais no Sistema 1.
 - Contudo, no séc. XVII, os descendentes dos falantes do Sistema 1 fusionaram as vogais de *meat* e *meet* e eles mantinham a vogal de *mate* aparte, para gerar o Sistema 2.
 - Para produzir o Sistema 2, em que <a-e> não tinha se juntado com <ea>, a partir do Sistema 1, os falantes de inglês teriam que identificar quais palavras do grupo *mate/meat* tinham contido, gerações mais cedo, a vogal baixa /a:/ para que eles pudessem separar tais palavras e identificar as palavras que tinham contido a vogal média-baixa /ɛ:/ de forma que eles pudessem separar essas palavras também e depois fusionar a vogal nessas palavras com a vogal nas palavras do tipo *meet*.
 - Um tal processo não é possível porque os falantes normais não têm acesso à história da sua língua. Considerem a seguinte exemplo parecido:
 - No latim, havia uma distinção entre a vogal simples curta <ĕ> (/ɛ/), p. ex., *terra(m)*, “terra” e o ditongo <ae> (/aj/), p. ex., *caecu(m)* “cego”. No latim tardio/romance precoce, esses fonemas fusionaram em /ɛ/, p. ex., *terra* /'tɛra/, *cego* /'sɛgo/.
- Quais das palavras portuguesas seguintes descem de <ae> e quais de <ĕ>?
 - *Leticia* – *século* – *seta* – *pedra* – *dez* – *querer* – *grego* – *hesitar* – *feno* – *céu* – *César* – *aderir*?

28. A SOLUÇÃO DO MISTÉRIO DA INVERSÃO DA FUSÃO

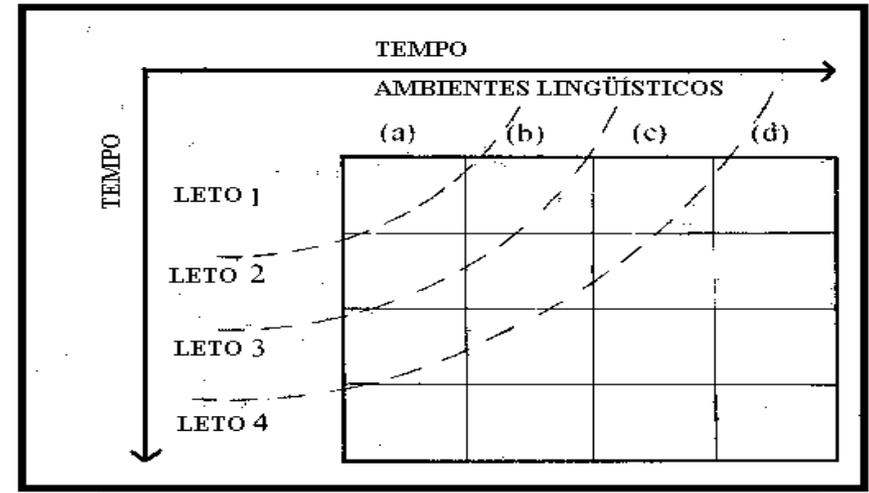
- O problema da passagem do Sistema 1 para o Sistema 2 causava muita angústia entre os linguistas que se interessavam pela história do inglês, mas ninguém conseguiu explicá-lo.
 - Em 1962, o célebre linguista chomskyano Morris Halle, no que indica desespero, avançou a seguinte teoria extraordinária:
 - Aproveitando as formas subjacentes abstratas da Linguística Chomskyana, Halle sugeriu que várias gerações de falantes deveriam manter as vogais de *mate* e *meat* como distintas mentalmente, embora eles articulassem essas vogais de forma idêntica e nunca ouvisse alguém que distinguisse essas vogais!
 - Para a maioria dos linguistas, a hipótese de Halle não passa de ser misticismo e, portanto, ela não poderia ser tomada em sério. Mas isso não resolve o problema da aparente inversão da fusão fonêmica.
 - Em 1968, no artigo que agora é considerado aquele que revolucionou o estudo da mudança linguística, três sociolinguistas dos Estados Unidos, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, propuseram que uma solução simples e definitivamente não-místico existia.
 - Adicionalmente, Weinreich, Labov e Herzog indicaram que essa solução tinha sido identificada por especialistas em inglês dos séculos XVI e XVII.
- Um estudo das representações escritas da linguagem contemporânea nos textos dos autores do período, p.ex., o teatro de Shakespeare, revelou que as duas pronúncias coexistiam, mas havia uma diferente importante:
 - No século XVI, o Sistema 1 era presente na fala das personagens refinadas das classes altas – as personagens principais nas peças de Shakespeare.
 - Nesse período, o Sistema 2 era típico das personagens das classes inferiores – palhaços, artesãos, criados, etc.
- Portanto, as duas pronúncias existiam simultaneamente e, certamente, as duas eram bem-conhecidas pela maioria das pessoas, mas havia uma diferença significativa de estratificação social:
 - As classes superiores utilizavam um conjunto de vogais enquanto as classes inferiores utilizava um outro conjunto.

29. POR QUE HOUVE UMA MUDANÇA ENTRE O SISTEMA 1 E O SISTEMA 2?

- Então, o que aconteceu com os sistemas vocálicas do inglês pré-moderno entre o séc. XVI e o séc. XVII?
- Para Weinreich, Labov e Herzog, a solução foi fácil:
- Houve uma mudança na SIGNIFICÂNCIA SOCIAL entre os dois tipos de pronúncia.
 - Inicialmente, era o Sistema 1 que predominava em termos de prestígio e os falantes instruídos das classes altas o utilizavam e eles evitavam a variedade menos prestigiosa e, talvez vulgar, o Sistema 2.
 - Nalgum momento, entretanto, as percepções mudaram e o Sistema 2 passou a ser mais prestigioso e, portanto, as gerações posteriores de falantes de classe alta adotaram essa pronúncia e, então, o Sistema 1 se tornou a ser considerado não-prestigioso e, talvez, vulgar.
- Observem que essa mudança no prestígio percebido lembra o que está ocorrendo em Nova York e, assim, podemos supor que a mudança no inglês pré-moderno entre o séc. XVI e XVII foi acompanhada por muita variação antes que o Sistema 2 finalmente triunfou e se tornou o modelo generalizado.

30. E POR QUE HOUE UMA MUDANÇA NO PRESTÍGIO SOCIAL?

- Infelizmente, não possuímos informação sobre as mudanças em termos de prestígio social que afetaram as variantes vocálicas. Os comentaristas contemporâneos não nos deixaram registros disso.
- Entretanto, devido a estudos subsequentes em outras sociedades (invocamos *o princípio de uniformidade*), podemos imaginar que o que ocorreu foi um exemplo de um processo muito comum chamado MUDANÇA DESDE ABAIXO.
 - Um traço estigmatizado que não ocorre na linguagem prestigiosa, mas que está presente na linguagem não-prestigiosa sobe gradualmente a escala de prestígio para entrar nas bocas de falantes de classes mais altas.
 - Assim, aos poucos, a forma não-prestigiosa ocorre com cada vez mais frequência, até ela se torna aceite como a norma prestigiosa e o antigo elemento prestigioso passa a ser estigmatizado a sua vez (talvez inicialmente como elitista ou como uma afetação).



		AMBIENTES LINGÜÍSTICOS			
		(a)	(b)	(c)	(d)
TEMPO RELATIVO 1	LETO 1	100	90	80	20
	LETO 2	90	80	20	10
	LETO 3	80	20	10	
	LETO 4	20	10		
TEMPO RELATIVO 2	LETO 1	100	100	90	80
	LETO 2	100	90	80	20
	LETO 3	90	80	20	10
	LETO 4	80	20	10	
TEMPO RELATIVO 3	LETO 1	100	100	100	90
	LETO 2	100	100	90	80
	LETO 3	100	90	80	20
	LETO 4	90	80	20	10

Adaptado de Bailey (1973: 79)

31. CASOS DE MUDANÇA DESDE ABAIXO

- Este fenômeno de mudança desde abaixo é muito comum:
 - Outros exemplos da história do inglês britânico:
 - A elisão do /-r/ pós-vocálico:
 - No passado: *Far* /faɪ/ > /fa:/, *dark* /daɪk/ > /da:k/.
 - Atualmente:
 - A desbucalização de /-t-/ intervocálico:
 - *Bottle* /bɒtl/ > /bɒfl/, *metal* /mɛfl/.
 - Mudança desde abaixo no francês:
 - Francês antigo tinha um ditongo [ɔj] <oi>, p. ex., *moi* “me”, “mim”, *loi* “lei”, *soil* “solo”, *point* “ponto”, *voix* “voz”, *chois* (fr. mod., *choix*) “escolha”.
 - Vemos empréstimos do francês antigo para o inglês medieval que preservam esse ditongo original, p. ex., *soil* [sɔjl], *point* [pɔjnt], *voice* [vɔjs], *choice* [tʃɔjs].
 - O núcleo tônico desse ditongo foi deslocado do primeiro elemento para o segundo, que produziu o ditongo crescente [wɛ], que foi a norma culta e prestigiosa durante séculos.
 - Na fala popular, a pronúncia do ditongo continuava evoluindo mais, tornando-se em [wa].
 - Na época imediatamente antes da Revolução Francesa, a pronúncia [wa] era quase universal entre a massa dos francófonos, mas a corte e aristocracia persistia com [wɛ], que continuava sendo a forma prestigiosa.
 - Depois da Revolução em 1793, a corte foi dissolvida e a família real e os aristocratas tinham que fugir para sobreviver.
 - Alguns anos mais tarde, quando a situação política tinha se estabilizado, alguns aristocratas voltaram para França. Os exilados retornados descobriram que sua pronúncia [wɛ] não constituía a norma prestigiosa parisiense; seu lugar tinham sido ocupado pelo [wa] popular. Hoje [wɛ] indica um sotaque regional (noroeste o canadense) e [wa] é quase universal.
 - A desaspiração de /w-/ inicial:
 - *Why* /maɪ/ > /waɪ/, *whale* /meɪ/ > /weɪ/.
 - A elisão de /h-/ inicial:
 - *Hat* /hæt/ > /æt/, *hippo* /hipə/ > /ɪpə/.

32. ESTUDOS EM TEMPO REAL E EM TEMPO APARENTE

- Como no caso de Labov em Martha's Vineyard, às vezes temos a sorte de dispor de descrições de uma comunidade de fala compilada há algumas gerações que nos permite comparar a situação atual na comunidade com a do passado para descobrir o que tem mudado.
- Tais estudos são conhecidos como ESTUDOS EM TEMPO REAL e consistem em nada mais do que uma simples comparação de “antes e depois”.
 - Em geral, entretanto, não estamos tão sortudos de possuir uma reportagem de há 30 ou 40 anos. O que podemos fazer nessa situação?
- Poderíamos descrever a comunidade de fala que nos interessa e ficar esperando passar algumas gerações para levantar outra investigação e comparar os resultados.
- Mas a maioria dos linguistas prefeririam conseguir resultados dignos de publicar em menos tempo e, portanto, eles recorrem a outras técnicas.
- A principal desses métodos alternativos utiliza o que se chama os estudos em TEMPO APARENTE.
- Presume-se que as pessoas aprendem a linguagem na infância e, depois da adolescência, elas não tendem a mudar sua maneira de falar drasticamente, ou seja, elas não introduzem modificações importantes na fala.
- Por conseguinte, se compararmos a linguagem de indivíduos e grupos de idades diferentes, conseguiríamos uma visão esquemática das mudanças que ocorreram ou têm ocorrido na linguagem dos mais novos e que faltam ou surgem com menos ou com mais frequência na fala das gerações mais velhas.

33. A HIPÓTESE NEOGRAMÁTICA E A DIFUSÃO LÉXICA

- A HIPÓTESE NEOGRAMÁTICA propõe que uma mudança fônica se aplica SEM EXCEÇÕES ao (s) som(ns) em questão EM TODAS OS CONTEXTOS EVENTUAIS.
 - Temos seguido esse princípio no curso dessas aulas como se fosse a verdade, mas agora veremos uma série de dados que põem essa hipótese em xeque.
- No passado, os proponentes da hipótese neogramática apoiavam uma visão da mudança fônica em que as alterações eram geralmente *foneticamente gradual*, ou seja, o avanço de uma determinada mudança prossegue por meio de modificações minúsculas na qualidade fonética dos segmentos afetados.
 - Sem dúvida alguma, algumas mudanças podem ocorrer gradualmente, p. ex., a crescente frequência de centralização de /ai/ e /au/ em Martha's Vineyard se estende por pequenos aumentos regulares no grau de centralização em cada geração, embora que os próprios falantes não sejam conscientes disso e que eles variem muito nas pronúncias que eles proferem.
 - Entretanto, muitas mudanças não *podem* ser graduais. É impossível que os processos que envolvem segmentos inteiros, como a excrescência, a elisão e a metátese, por exemplo, se realizem de forma parcial e gradual: ninguém consegue inserir ou eliminar 5% de um segmento, ou transferir 10% de um segmento para uma posição nova dentro de uma palavra.
 - OS PROCESSOS QUE ENVOLVEM SEGMENTOS INTEIROS ACONTECEM NECESSARIAMENTE DE FORMA ABRUPTA.
 - Outros processos de mudança fonológica também costumam ser abruptas. Por exemplo, o ensurdecimento de consoantes sonoras (que é muito comum em determinados contextos).
 - Não é de esperar que a ensurdecimento prossegue por reduções no grau de vibração das cordas vocais: 100% - 75% - 40% - 20% - 15% - 5% - 0%, etc. A sonorização geralmente desaparece de uma vez: ou as cordas vocais estão ligadas e vibram ou estão desligadas.
 - Um outro exemplo seria /ʃ/ > /x/ em espanhol pré-moderno. É pouco provável que a articulação ia recuando gradualmente da região prepalatal até a região velar. É mais provável que a pronúncia “pulou” de um lugar para o outro.

34. A DIFUSÃO LÉXICA

- A possibilidade deste fenômeno já tinha sido proposto em teoria por outros linguistas, mas a evidência que comprovou sua existência incontrovertível foi descoberta por dois linguistas americanos, Matthew CHEN e William WANG, e seus colegas por 1970 numa série de investigações dos dialetos chineses.
 - Depois das investigações de Chen e Wang, o fenômeno da difusão léxica foi identificado com tanta frequência que alguns linguistas o consideram o mecanismo mais usual da mudança fonológica propagar-se.
- O exemplo da difusão léxica que estudaremos a seguida não é a investigação original de Chen e Wang, mas outra pesquisa que se tornou talvez a mais célebre caso descoberto até o presente – trata-se do “tensionamento do *a* curto” nas variedades urbanas do inglês americano, especialmente o dialeto de Philadelphia.
 - O inglês moderno herdou do inglês médio a vogal /æ/, como na palavra *cat* /kæt/ “gato”.
 - Historicamente, esse /æ/ era uma vogal relaxada; ela era foneticamente curta; tratava-se de uma vogal pura e não um ditongo (à diferença de muitas vogais inglesas); ela não podia ocorrer na posição final de uma sílaba.
 - Essa vogal tem sido tencionado em vários dialetos ingleses:
 - Certos falantes de classe mais alta do inglês britânico pronunciam *bad* [bæd] com um ditongo centralizante, ou seja, [bæəd].
 - Alguns dialetos do centro-oeste americano exibem uma /æ/ longa que dura tanto e está tão tensa quanto a vogal alta tensa original de *bead*.
 - O tensionamento ocorre também no inglês de Nova York, onde sua presença é foneticamente condicionada: surge diante de uma fricativa surda, uma oclusiva sonora e diante de /m/ e /n/, mas não noutros contextos (isso seria um exemplo clássico da mudança condicionada do Neogramáticos).

35. O TENSIONAMENTO DA VOGAL /æ/ NO INGLÊS DE PHILADELPHIA

- Na variedade do inglês falada na cidade de Philadelphia, a vogal /æ/ se tem sofrido um processo de tensionamento em que a vogal se alonga, sobe e se torna em ditongo.
 - P. ex., *mad* “maluco” [mæd] → [me:əd] em Philadelphia (pode subir até [mi:əd] em N.Y.).
- Nada que vale comentário até esse ponto. Entretanto, umas análises detalhadas desse processo revelou algo totalmente inesperado: O TENSIONAMENTO OCORRE APENAS NALGUMAS PALAVRAS ESPECÍFICAS, noutras palavras, onde aparentemente vemos condições propícias a favorecer o tensionamento, o processo simplesmente não ocorre.
 - O tensionamento ocorre em:
 - *mad, bad* e *glad*
 - *can't, aunt* e *man,*
 - *last, pass, half, ass* e *ask,*
 - *answer, ancestor* e *anchovy*
 - *ham*
 - mas ele não ocorre em:
 - *sad, dad* ou *Brad* nem em *cab* e *brag;*
 - *ran, swam* ou *began;*
 - *ash, cash, after* ou *Afghan.*
 - *aspirin* e *astronaut;*
 - *hammock*
 - Os falantes variam nas palavras em que tencionam e variam no grau de tenção em palavras diferentes ou, as vezes, inclusive na mesma palavra em ocasiões distintas.
- O ÚNICO FATO QUE PODEMOS AFIRMAR DESSE FENÔMENO É QUE NÃO É POSSÍVEL PREDIZER QUAIS PALAVRAS EXIBIREM /æ/ TENSA E QUAIS NÃO.
 - O máximo que conseguimos será observar que determinados contextos fonológicos ou integrantes de certos campo lexicais pode favorecer ou desfavorecer a ocorrência de tensão na vogal /æ/.

36. O INGLÊS DE PHILADELPHIA

- No que concerne o tensionamento de /æ/, estamos diante um caso de DIVISÃO LÉXICA
 - algumas palavras com o /æ/ laxo ainda exibem uma vogal laxa, enquanto outras palavras sofreram tensionamento e agora apresentam uma vogal diferente, tensa.
 - As mudanças parecem ser não-condicionadas, pelo menos com respeito ao contexto fonético.
 - Algumas palavras se desenvolveram em uma direção e outras numa outra direção, de uma maneira imprevisível ou segundo algum critério ainda desconhecido.
- Essa conclusão é surpreendente, desconcertante até, porque tais cisões incondicionais são incompatíveis com a hipótese dos Neogramáticos de que toda mudança fônica são regulares.
- Como é que a situação atual em Philadelphia surgiu?
 - A explicação proposta é que, num momento no passado, o grupo de palavras que continham a vogal laxa /æ/ sofreu um processo de difusão léxica em que algumas dessas palavras saíram da classe léxica com a vogal laxa e passaram para a classe léxica com uma vogal longa e tensa [æ:] (essa classe estava vazia – inexistente, só potencial – até esse momento).
 - Aquelas palavras migraram todas de uma vez só ou elas foram indo aos poucos? Não sabemos sem a informação histórica, de que não dispomos, infelizmente.
- Contudo, o que nós podemos investigar é se ainda há palavras passando do grupo laxo para o grupo tenso.

37. O ESTADO DA DIFUSÃO LÉXICA EM PHILADELPHIA

- No centro da cidade, a situação parece ser muito estável: não há evidência de que mais palavras estão sendo transferidas.
- Nos bairros mais afastados do centro, a situação está diferente:
 - A vogal na palavra *planet* “planeta” costuma ser frouxa no centro de Philadelphia, mas a palavra tipicamente apresenta uma vogal tensa em vários bairros.
 - No bairro de South Philadelphia, a pronúncia em que a vogal /æ/ já está tensa é universal entre as crianças.
 - Assim, podemos afirmar que a palavra *planet* está em curso de difundir da classe da vogal frouxa para a classe com a vogal tensa.
 - Existem algumas outras palavras que podem estar fazendo o mesmo, como *Sally* (nome próprio feminina), *alligator* “jacaré” e, talvez, *sad* “triste”. Porém, a evidência para estas palavras é menos convincente do que para *planet*.
- Parece que a difusão léxica continua em Philadelphia, pelo menos nos bairros não-centrais.
 - É concebível que, algum dia, o processo vá se completar e levar todas as palavras da classe com /æ/ frouxa para a classe com /æ/ tensa, o que inverteria a situação e deixar a classe frouxa vazia.
 - Se isso acontecer, será impossível distinguir entre o resultado do processo longo de difusão e o resultado de o que conhecemos atualmente como uma “mudança fonológica regular”. No futuro, um linguista poderia concluir que houve um processo de tensionamento absolutamente normal, no sentido neogramático, na vogal /æ/ frouxa.
 - Porém, porque pegamos a mudança no ato, justamente sabemos que o processo não foi uma mudança generalizada ao modo neogramático. Na realidade, a mudança afeta algumas poucas palavras, transferindo-as de um grupo ao outro e deixando intocadas outras palavras (aparentemente) idênticas em termos da sua composição fonológica.
- Casos indiscutíveis de difusão léxica, como Philadelphia, constituem a refutação da Hipótese Neogramática – porque agora existe uma alternativa a mudança generalizada imediata em todas os contextos possíveis. Ainda que algumas mudanças prossigam regularmente, outras ocorrem por difusão léxica. A Hipótese Neogramática no sentido forte está falsificada definitivamente.

38. O “RESÍDUO” DA DIFUSÃO LÉXICA

- A descoberta da difusão léxica representa um avanço muito significativo na nossa compreensão da mudança linguística histórica e, imediatamente, ela oferece explicações para numerosas enigmas linguísticas que existiam há muito tempo.
 - Um desses problemas era o caso de algumas palavras que não participaram na fusão das vogais compridas ingleses medievais /ɛ:/, p. ex., *meat* “carne”, e /e:/, p. ex., *meet* “encontrar” (ingl. mod. ambos [mijt]).
 - A maioria maciça das palavras migraram para acabar no mesmo grupo, mas não todas: *steak* [steik] “filé”, *great* [g.ɹeɪt] “grande” e *break* [b.ɹeɪk] “quebrar”, como a ortografia tradicional revela, originalmente continham a mesma vogal que *meat* “carne”, *read* “ler” e *beak* “bico”, mas aquelas não participaram na fusão vocálica que juntou essas com *meet*.
- Antigamente, os linguistas teriam resmungado sobre “mistura de dialetos” ao encontrar tais casos excepcionais. Contudo, isso era menos uma explicação e mais uma confissão de derrota diante dados enigmáticos.
- Agora, se aplicarmos a teoria de difusão léxica a casos excepcionais como *steak*, *great*, *break*, concluímos algo interessante:
 - Se as palavras do tipo *meat* fossem transferidas para a classe de *meet* por difusão léxica, é concebível que esse processo terminou antes que ele tivesse conseguido transferir todas as palavras e, portanto, *steak*, *great* e *break* ficaram como o RESÍDIO da mudança incompleta. Do ponto de vista dos “difusionistas”, essas palavras foram deixadas para atrás.

39. MÚLTIPLAS DIFUSÕES SIMULTÂNEAS

- Como vocês podem ver, a vogal [ei] (na realidade, trata-se de um ditongo) em *steak*, *great* e *break* participaram numa outra mudança: ela fusionou com a vogal em *meat* [meit].
- Assim, elas sofreram a mudança que conduziu ao Sistema 1 prestigioso no inglês pré-moderno do século XVI, enquanto a maioria das outras palavras com essa vogal passaram pelo processo que gerou o Sistema 2 que predominou depois do século XVII.
- O que vemos, portanto, é que tinham dois processos de fusão que aconteciam simultaneamente e que elas competiam para as palavras da classe de *meat* – um fenômeno conhecido como MUDANÇAS CONCORRENTES.
 - Se você pensa sobre essa explicação, não há motivo para imaginar que duas inovações que surjam numa determinada língua aproximadamente ao mesmo tempo tenham que ser mutuamente compatíveis – por quê algumas não entrariam em conflito?
 - Não parece excessivo propor que as mudanças podem competir para as mesmas palavras, com algumas indo numa direção e outras em outra, como teria ocorrido com *break* e *meat*.
 - Isso também explica porque algumas inovações não se tornam incondicionadas – outras mudanças se apropriam do material primário necessário para expandir-se.

40. A “QUASE FUSÃO FONÊMICA”

- Numa fusão fonológica, dois fonemas que contrastam param de se opor e o número de fonemas no sistema fonológico está reduzido por um.
 - Normalmente, uma fusão produz uma quantia de homófonos novos, p. ex., *meat* ~ *meet* /mijt/, *sea* ~ *see* /sij/, *team* ~ *teem* /tijm/.
 - Uma prova simples e eficaz para determinar se determinados pares de palavras são homófonos para um determinado falante é a PROVA DE PARES MÍNIMOS CONTRASTANTES:
 - O sujeito enuncia as duas palavras várias vezes e suas articulações são gravadas.
 - As gravações são tocadas para o sujeito numa ordem diferente e ele tem que dizer qual das gravações corresponde a qual das palavras.
 - Se o sujeito não conseguir distinguir as correspondências originais, poderíamos afirmar que, para ele, as duas palavras são, de fato, homófonas e houve fusão.
- Por um lado, esse teste não deixa margem para erro. Se o sujeito ouve uma diferença entre suas próprias articulações, então podemos ter certeza de que as pronúncias são realmente distintas.
- Do mesmo modo, seria razoável imaginar que, se o sujeito não conseguir distinguir diferenças na sua própria fala de forma consistente, não haveria diferenças na produção.
- ENTRETANTO, ESSE SEGUNDO PRESSUPOSTO, PELO ÓBVIO QUE PAREÇA, RECENTEMENTE FOI DEMONSTRADO SER FALSO.

41. DISTINÇÕES IMPERCEBIDAS PELO FALANTE MAS DETECTADAS PELOS OUVINTES (!)

- Durante vários anos, William Labov (ele de novo!) e seus colegas têm reportado uma série de casos fascinantes de um fenômeno que eles chamam de “quase fusão”.
 - Na quase fusão, o falante realiza o par em questão com pequenas diferenças de forma consistente.
 - Porém, o próprio falante simplesmente não consegue ouvir as diferenças em gravações da sua fala ou na fala de seus contemporâneos que compartilhem a quase fusão. Tipicamente o falante insiste que não há uma distinção.
 - Todos os casos de quase fusões reportadas até o presente se tratam de vogais.
- Um exemplo:
 - Um aluno de segundo grau de Albuquerque, New Mexico, chamado Dan exibiu uma quase fusão entre a vogal em *pool* “poço”, “piscina” e a vogal em *pull* “puxar” na sua fala espontânea e no teste de pares mínimos. No sotaque Americano Geral as articulações dessas vogais são /pu:l/ e /pu:l/, respectivamente
 - Uma análise com instrumentos científicos revelou que, de fato, o Dan fazia uma distinção articulatória minúscula, porém, regular entre as duas vogais. Ele não conseguia distinguir entre *pull* e *pool*, *full* “cheio” e *fool* “bobo”, *who'd* “quem gostaria” e *hood* “capuz”, nas gravações.
 - A Didi, a namorada do Dan, e o irmão dela, o Hal, não exibiam a quase fusão na sua própria pronúncia e eles não tinham a menor dificuldade em distinguir tais pares mínimos nas suas próprias gravações.
 - Contudo, quando a Didi e o Hal escutaram as gravações do Dan, eles experimentaram bastante dificuldade em decidir qual das palavras o Dan disse.
 - NÃO OBSTANTE, A DIDI E O HAL CONSEGUIRAM INDICAR A FORMA CORRETAMENTE EM 83% DOS CASOS!

42. ENTÃO, É DIFERENTE O NÃO É?

- Agora, uma taxa de 83% de correção é um resultado muito estranho para um teste de pares mínimos. Normalmente, esperaríamos achar apenas um de dois resultados:
 - Ou bem o ouvinte não consegue distinguir nada e tem o resultado do acaso de 50%, ou bem o ouvinte consegue distinguir os pares com facilidade e tem o resultado de 100% correto.
- O resultado reportado de 83% indica que, em geral, as realizações do Dan são significativamente distintas de forma que os falantes que fizerem a distinção na sua própria fala tenham conseguido diferenciar as palavras que o Dan pronuncia na maioria das ocasiões, mas não sempre.
- ANTES DOS DESCOBRIMENTOS DE LABOV E SEUS COLEGAS, UM TAL COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO FOI TOTALMENTE DESCONHECIDO. ENTRETANTO, HÁ UM CORPUS A CRESCER RAPIDAMENTE DE EVIDÊNCIA DE QUE, NA REALIDADE, AS QUASE FUSÕES SÃO MUITO COMUNS.

43. AS QUASE-FUSÕES (cont.)

- As quase fusões já foram reportadas para classes de palavras representadas por *pool* e *pull* em Albuquerque, New Mexico, e também em Salt Lake City, Utah, e em partes do Texas (parece que essa fusão é bastante frequente no sudoeste dos Estados Unidos).
 - Há quase fusões de *cot* “berço” e *caught* “pegou” no estado de Pennsylvania;
 - *bear* “urso” e *beer* “cerveja” em Norwich (cidade no leste do Reino Unido),
 - de *sauce* “molho” e *source* “fonte” em New York City,
 - de *line* “linha” e *loin* “lombo” em Essex (condado no sudeste da Inglaterra),
 - de *ferry* “balsa” e *furry* “felpudo” em Philadelphia, entre vários outros casos.
- Não existe dúvida de que a quase fusão constitui um fenômeno real, mas sua existência causa problemas teóricos para os linguistas históricos.
 - O caso problemático mais óbvio é quando considerarmos um comentarista no passado que reporte que não distingue entre dois grupos de palavras que antigamente eram distintos. Agora, não podemos mais ter certeza que esses comentários referem a fusão genuína – é possível que se trate apenas uma quase fusão.

44. COMO LIDAR COM A PROXIMIDADE DAS ARTICULAÇÕES DE *cot* E *caught*

- Agora, vamos investigar em mais detalhe as relações complexas entre as fusões e quase-fusões que surgiram por meio da fusão das vogais nas palavras *cot* (/kɒt/ ~ /kɑt/) “berço” e *caught* (/kɔ:t/ ~ /kəʊt) “apanhou/apanhado”, “pegou/pegado”.
 - O inglês moderno herdou duas vogais de qualidade fonética parecida (baixa, posterior, arredondado) do inglês médio –
 - as em *cot* “berço”, “e em *caught* “apanhar”, “pegar”, “prender”.
 - A única distinção é o comprimento da vogal - /ɔ:/ tipicamente dura mais tempo do que /ɒ/.
 - Contudo, uma das consequências do *Great Vowel Shift*, e outras mudanças posteriores, foi a obliteração das distinções de duração a favor de distinções entre vogais puras e ditongos.
 - As duas vogais em questão passaram para o inglês moderno como vogais puras, como ainda são hoje.
 - Assim, o espaço vocálico vive um estado incômodo de ter duas vogais contrastantes que estão muito próximas na cavidade oral.
 - Como seria de esperar em tais situações, a maioria das variedades do inglês exibem mudanças cuja função é justamente de resolver a pressão sistêmico.

45. *Cot E caught* (cont.)

- Ingl. brit. meridional padrão (RP = *received pronunciation*):
 - a vogal em *caught* foi elevada para distanciá-la da vogal em *cot* de tal forma que, para um ouvinte americano, na pronúncia inglesa prestigiosa, agora a vogal em *caught* pareça a vogal em *coat* “casaco”.
 - (O deslocamento de /ɔ:/ em direção a /əʊ/ não constitui um problema para o falante de RP porque esse ditongo se deslocou também em direção a /eɪ/, p. ex., *Kate* “nome próprio feminino” (está, na realidade, mais centralizado). Isso constitui um exemplo clássico de uma mudança em cadeia
- Nos Estados Unidos, algumas variedades, especialmente a de New York, sofreu uma mudança parecida com a no RP. Porém, a maioria dos sotaques americanos avançaram e desarredondaram a vogal /ɒ/, de forma que ela se fusionou com a vogal baixa posterior /ɑ/ de *father* “pai”, que era distinta no passado.
 - Assim, para o falantes do inglês britânico meridional padrão, no sotaque americano, *cot* “berço” assemelha a pronúncia RP de *cart* “carruagem”, “caroço”, ou seja, /kɑ:t/.
- Outras variedades do inglês, notavelmente o inglês canadense e escocês, adotaram mais uma solução a essa dificuldade:
 - os canadenses e escoceses simplesmente deixaram as duas vogais se fundirem de forma que nesses dialetos não se distinguem mais entre as vogais de *cot* e *caught*; essas palavras são homófonas.

46. A EXPANSÃO DA FUSÃO DAS VOGAIS EM *COT* E *CAUGHT* NO INGLÊS AMERICANO

- Todas as soluções que acabamos de ver conseguiram eliminar o congestionamento do espaço vocálico na região posterior. Portanto, seria de esperar que os sistemas que surgiram das modificações articulatórias fossem estáveis, mas não é o que vemos na realidade: algo interessante está acontecendo nos Estados Unidos.
 - Recentemente, alguns linguistas têm reportado o surgimento em várias localidades mutuamente distanciadas da fusão das vogais em *cot* e *caught*, típico do inglês canadense, mas previamente desconhecido nos Estados Unidos. Adicionalmente, essa fusão está se difundindo rapidamente das ÁREAS FOCAIS onde a fusão começou.
 - Isso é surpreendente porque as articulações de *cot* e *caught* no inglês americano não são muito parecidas ([kat] e [kɔ:t]) e não é óbvio quais seriam os fatores que poderiam provocar a fusão.
 - Uma explicação simples seria que o modelo canadense, que exhibe fusões destas vogais, está se expandindo para o sul.
 - Porém, os dados não confirmam isso: as regiões focais da fusão tipicamente são longes da fronteira com o Canadá e o processo não ocorre nas áreas perto do território onde há fusão.
 - Por um lado, a fusão de *cot/caught* não está atestada em New York State, nem em Detroit.
 - Por outro lado, há ocorrências documentadas em Pittsburgh, que fica mais ao sul.
 - No oeste do estado de Pennsylvania, a fusão é categórica: ninguém distingue mais entre as duas vogais, sequer de forma variável.
 - A fusão está expandindo para o leste a través do Pennsylvania. No centro desse estado, os falantes mais novos exibem a fusão, enquanto as gerações mais velhas não a conhecem.
 - OU SERÁ QUE É REALMENTE ASSIM...?

47. O FENÔMENO DO EFEITO “BILL PETERS”

- No Pennsylvania central, os jovens exibem a fusão das vogais em *cot* e *caught* que está se expandindo desde a cidade de Pittsburgh, mas os falantes mais velhos apresentam algo inesperado.
 - Na fala informal normal não há ocorrências de fusão, como seria de esperar entre um grupo de falantes cuja norma lingüística já foi constituída antes que a fusão inovadora surgiu na sua comunidade. As vogais em *cot* e *caught* são claramente diferentes, como no inglês da maioria dos americanos, ou seja, achamos variantes da vogal /ɑ/ em *cot* e da vogal /ɔ:/ em *caught*.
 - Embora, quando os mesmos sujeitos mais velhos realizam o teste de pares mínimos contrastantes, eles apresentam uma pronúncia totalmente diferente: eles exibem uma quase fusão nas duas vogais.
 - Como é normal para as pessoas que realizam quase fusões, existem pequenas diferenças qualitativas regulares entre as duas articulações que os próprios falantes afirmam não reconhecer sem grande esforço.
- A chegada da inovação tem influenciado a linguagem consciente das gerações mais velhas.
- Ao mesmo tempo que eles proferem a pronúncia tradicional que eles aprenderam na infância de forma não afetada nas suas espontâneas conversas informais, eles modificam a sua pronúncia em direção da fusão vocálica quando eles são exigidas a articular palavras conscientemente em que eles “saibam” conter a fusão na fala dos jovens.
 - O Labov denominou esse fenômeno O EFEITO BILL PETERS, pelo nome do primeiro indivíduo em que o comportamento foi identificado.

48. A MUDANÇA LINGUÍSTICA: TIPICAMENTE GRADUAL OU ABRUPTO?

- É preciso formular esta pergunta de uma maneira mais específica antes que pudermos começar a responder.
- Existem vários tipos de gradatividade e abruptitude bastante distintos que é necessário diferenciarmos. Os dois primeiros tipos se aplicam apenas à mudança fonológica e os dois últimos exemplos têm relevância universal.
 - Primeiro, podemos distinguir entre a GRADATIVIDADE e a ABRUPTITUDE FONÉTICA:
 - Uma mudança foneticamente gradativa é uma em que a pronúncia de uma palavra ou uma classe de palavras se modifica em pequenas etapas imperceptíveis de uma forma anterior a outra posterior, possivelmente ao longo de muitas gerações. Uma mudança foneticamente abrupta é quando a pronúncia anterior é substituída pela nova sem fases intermédias.
 - Segundo, podemos distinguir entre a GRADATIVIDADE e a ABRUPTITUDE LÉXICA:
 - Essa mudança é uma que se aplica a todas as palavras pertinentes de uma vez. Aquela é uma mudança que se aplica a algumas palavras inicialmente, mas que aos poucos vier a aplicar-se a cada vez mais palavras, até (possivelmente) ela se aplicar a todas as palavras que exibam contextos pertinentes.
 - Terceiro, podemos distinguir entre a GRADATIVIDADE e da ABRUPTITUDE INDIVIDUAL:
 - O primeiro caso refere às mudanças que surgem inicialmente só de vez em quando na fala de um determinado indivíduo. Com o tempo, a forma inovadora se torna cada vez mais frequente enquanto a forma conservadora se torna simultaneamente menos comum, até que a inovação se tornar (talvez) a única forma presente na fala do indivíduo.
 - Por último, podemos distinguir entre a GRADATIVIDADE e a ABRUPTITUDE SOCIAL:
 - Uma mudança socialmente gradativa começa a ser utilizada apenas entre alguns indivíduos na sociedade, mas, aos poucos, a inovação se estende e é utilizada por cada vez mais pessoas, enquanto a forma conservadora é utilizada por cada vez menos pessoas até que a inovação se tornar (talvez) a única forma presente na comunidade.

49. QUANDO E COMO DETERMINAMOS QUE UMA MUDANÇA LINGÜÍSTICA TERMINOU?

- Por um lado, não faz muito sentido falar de uma mudança IR ATÉ SE COMPLETAR para o primeiro exemplo (a gradatividade ou a abruptitude fonética).
 - Com a exceção da eliminação categórica de um segmento, não há como saber que um processo fonético terminou, a não ser que observemos simplesmente que nada parece estar acontecendo.
- Embora, com os outros três tipos de mudança (léxica, individual e social) sim podemos afirmar que uma mudança atingiu ou não seu fim:
 - Uma mudança lexicamente gradativa alcança seu ponto final quando não há mais palavras as quais ela pode se aplicar.
 - Uma mudança individualmente gradativa termina quando o indivíduo não utiliza mais a forma conservadora.
 - Uma mudança socialmente gradativa chega a sua conclusão quando a comunidade não contém mais pessoas cuja fala profere a forma conservadora.
- Os Neogramáticos sustentavam que a mudança fônica era foneticamente gradual mas lexicamente abrupta.
 - Em geral, eles não consideravam o terceiro tipo de mudança, mas seria provável que eles tivessem imaginado a mudança fônica como um processo individual e socialmente abrupta porque eles não se interessavam muito na variação.
- Os proponentes da difusão léxica são da opinião totalmente oposta: eles imaginam que as mudanças fônicas típicas são foneticamente abruptas, porém lexicalmente graduais.
 - Essa visão tolera uma certo grau de gradatividade individual, mas tende a favorecer a abruptitude individual.
 - Não oferece uma posição definitiva sobre o aspecto social, mas é altamente compatível com a gradatividade.
 - As linhas de batalha teóricas estão bem definidas, mas o que encontramos ao examinar uma mudança em curso? Consideremos o caso de Martha's Vineyard novamente.

50. UMA GUERRA TEÓRICA EM MARTHA' S VINEYARD

- O processo de centralização nos ditongos /ai/ e /au/ parece ser...
 - Foneticamente gradativa:
 - O grau de centralização tem aumentado regularmente durante décadas;
 - Lexicamente abrupta:
 - Todas as palavras disponíveis são afetadas, embora haja alguns fatores fonológicos que parecem favorecer a centralização nalgumas palavras;
 - Individualmente abrupta:
 - A maioria das pessoas adquirem seu grau de centralização cedo na vida e não o alteram depois;
 - Socialmente abrupta:
 - A razão é a mesma que a anterior.
- Assim, a primeira vista, a centralização em Martha' s Vineyard assemelha o modelo neogramático de mudança.
 - Porém, convém-nos destacar que muitos membros da comunidade jamais participam na mudança e que os indivíduos não proferem a mesma pronúncia de uma determinada palavra cada vez que eles a enunciam (duas coisas que provavelmente não deveriam ocorrer no modelo neogramático). Entretanto, parece que a difusão léxica não entra no quadro.
- E o tensionamento de /æ/ em Philadelphia?

51. ANÁLISE TIPOLOGICA DA MUDANÇA EM CURSO EM PHILADELPHIA

- No caso do tensionamento de /æ/ em Philadelphia, confrontamos a dificuldade adicional de que a maioria das mudanças já tinham ocorrido antes que fosse possível documentarmo-las. Porém, podemos comentar no que conseguimos ver agora. Daí, o tensionamento é...
 - Foneticamente abrupto:
 - Não há formas intermediárias “semi-tensas”.
 - Lexicamente gradativa:
 - Óbvio, porque se trata de difusão léxica.
 - Individualmente abrupto:
 - Em geral, as pessoas não mudam seu comportamento de forma significativa no tempo.
 - Socialmente gradativo (provavelmente):
 - Antecipamos que as formas inovadoras que existem nos bairros periféricos passarão a infiltrar a zona central da cidade.
- Portanto, podemos afirmar estarmos diante um caso claro de difusão léxica em que o modelo neogramático não acerta em predição alguma sobre o curso da mudança.
- A lição mais clara que podemos extrair após examinarmos tantos exemplos de mudança é que não existe um único padrão para a mudança linguística; não há uma versão definitiva da verdade. Algumas mudanças procedem por caminhos bem divergentes das outras e, por conseguinte, nossos vários modelos teóricos nunca são mais do que aproximações razoáveis à realidade em algumas situações específicas.

52. PARA ONDE VAMOS AGORA?

- Continuamos a descobrir novos fenômenos surpreendentes cuja existência desconhecíamos e sequer antecipávamos, fenômenos esses que põem nossas esquemas teóricos em dúvida porque não conseguimos acomodá-los dentro de nossos modelos.
- Lembrem-se dos casos de Bill Peters em Pennsylvania, que sofreu uma mudança na sua linguagem consciente, mas não na sua fala espontânea, ou o caso do Dan em Albuquerque, que está convencido de ter participado numa fusão fonêmica que, na verdade, parece nunca ter acontecido nele.
- Sem dúvida alguma, ainda há muito para descobrirmos e aprendermos sobre a mudança linguística!